

## Crônicas do Inferno Permanente

### Corinthians



Quando meu pai morreu, em meio a toda a situação dramática passada pela família, eu fui protagonista de uma história muito bizarra que, depois do susto que ela causou, promoveu até risos no dia posterior ao caso. Várias foram as vezes que pensei em escrever uma crônica baseada no ocorrido, mas sempre adiei o texto. Chegou a hora de fazê-lo. Além da relação com a morte do meu velho, a história guardou uma pequena referência ao time que torço: o Corinthians.

\*\*\*

Foi minha irmã quem me deu a notícia da morte do nosso pai. Ela morava com ele e com minha mãe. Eu, sozinho em outro bairro. Por volta de umas onze da noite, ela apareceu em casa, veio de táxi, e chegou bem abatida trazendo a má informação do que havia ocorrido.

Como sabia que eu teria de ir de táxi até lá, ela preferiu já se antecipar e ir a minha casa e voltar junto comigo no mesmo carro. Não quis falar nada por telefone. Então, foi direto sem me avisar. Depois das explicações, rumamos pra casa da minha mãe; a velha havia ficado em companhia de pessoas da família do vizinho, o seu Agnelo.

Naquela época, não era comum termos celulares, eles até já existiam, mas eram meio inacessíveis a bolsos magros como os nossos. Em vez deles, usávamos pagers. Na casa da minha família, por exemplo, nem telefone fixo havia.

Então, depois de minha irmã e eu termos feito companhia à nossa mãe, eu saí e fui até um orelhão. Estava bastante escuro e, enquanto eu telefonava, mal percebi que alguém se aproximava. Quando me dei conta, tinham duas pessoas atrás de mim. Era um casal.

A princípio, achei que queriam usar o telefone, mas estranhei que estivessem fazendo aquilo em tão tardia hora. Ao terminar minhas ligações, pedi licença a eles e pretendia sair dali. Foi quando veio a surpresa. O rapaz do casal anunciou:

“Fica quieto que não acontece nada. Passa o dinheiro.”

“Quê?”, reagi atônito.

“É um assalto”, ele retrucou.

Acho que o que mais me surpreendeu nem foi ser roubado na madrugada, mas sofrer isso de um casal... O cara havia levado a mulher pra cometer o crime...

“Vai, truta, passa a grana senão sai furado.”

Ele não apontava nenhuma arma. A parceira apenas observava tudo com um olhar constrangido. Os dois davam pena... Talvez fossem iniciantes no delito...

“Vai, meu, passa tudo.”

Ele repetiu essa frase mais umas quatro vezes. Na última delas, ele segurou meu braço com a mão direita. A menos que fosse canhoto, não conseguiria me balear. Era isso, ou ele blefava sobre estar armado. Aquilo me irritou. Eu explodi:

“Vai, vai, leva tudo!”, gritei puxando o pouquíssimo dinheiro de que dispunha. “Pega, pega essa mixaria aqui, é o que tenho. Leva a merda do dinheiro! Meu pai acaba de morrer...”

Ele se assustou. Disse:

“Co... como é?”

“Isso mesmo, meu pai acabou de morrer, tá lá em casa, morto... Dinheiro não tem importância nenhuma, leva tudo...”

Nesse ponto, percebi uma mudança radical na expressão dele. A mulher, por sua vez, até evitava olhar pra mim. Ficava de cabeça baixa. O ladrão disse:

“Pô, cara, desculpa aí... Foi mal. Meus pêsames”, estendeu a mão. Hesitei, mas o cumprimentei. Ele continuou:

“Não precisa entregar a grana, não. Meus sentimentos. Se precisar de algo, estamos aí.”

Então, dando um tapa de despedida no meu ombro, foram embora de mãos dadas. Eu não conseguia acreditar que tudo aquilo estava acontecendo.

\*\*\*

No dia seguinte, após um resto de madrugada turbulenta à espera do IML pra levar o corpo do meu pai, já o sol quase raiando, foi que conseguimos dormir um pouco. Mas não fiquei na cama muito tempo. Saltei dela e tratei de continuar a administrar as coisas do enterro com a minha irmã. Segui num ritmo de ligações telefônicas, verificações de questões no necrotério, entre outras coisas.

Quando tive algum alívio, eram praticamente duas da tarde. Decidi fazer uma pausa e fui sozinho até um boteco das imediações. Cheguei, pedi uma cerveja e fiquei bebericando imerso em pensamentos. Permaneci nessa prostração até que alguém veio a mim e, sem que eu reparasse direito, se apresentou:

“Olá, chegado, tudo bem? Tá melhor? Posso sentar aqui?”, fez esses questionamentos já puxando a cadeira ao meu lado.

Eu não o reconheci de imediato. Era um rapaz vestido de maneira simples. Ele continuou:

“Não se lembra de mim, né? Tava bastante escuro...”

Fiquei ainda mais surpreso pela abordagem. Disse:

“Não sei se te conheço.”

E ele:

“Não conhece mesmo, não. Mas nós nos falamos de madrugada... Foi no orelhão. Tentei te assaltar, mas desisti.”

Tomei um susto danado. Prestei atenção no rosto dele, mas não conseguia mesmo identificá-lo. Mas era ele mesmo. O cara que tentara me roubar estava de volta. Era meu fim... Dei uma bebericada do meu copo pra criar coragem; talvez, fosse o meu último. Bastante apreensivo, perguntei:

“Err... Você mudou de ideia e veio terminar o serviço?”

Ele deu uma risada antes de voltar a falar:

“Posso tomar um copo com você?”

“Bom...”, relutei. “Pode...”

Nem eu acreditei que consenti uma coisa daquelas. Estava prestes a beber com o ladrão que tentara me assaltar. Ele chamou o cara do bar, pediu um copo, sentou-se e se serviu. Continuei parado olhando-o com cuidado e fixamente.

Antes de beber a cerveja, ele encostou o copo no meu como a fazer um brinde. Permaneci quieto.

“Essa é pro seu pai, pra memória dele”, fez a simulação de brinde.

Permaneci calado, tentando arquitetar alguma saída. Achava que estava prestes a ser assalto ou morto ou os dois na sequência. Ele, após a golada, limpou os lábios e retomou a conversa:

“Eu voltei a roubar porque a coisa tá foda, tô sem nenhum bico pra fazer e a família tá passando necessidade. Mas se eu soubesse que você tava com um problema daquele, a morte do seu velho e tal, nem tinha tentado... Desculpa mesmo, truta.”

Um ladrão arrependido... Tudo que eu menos esperava em um momento familiar tão triste. Acabei aceitando as desculpas meneando a cabeça enquanto sorvia um pouco do meu copo. Finalmente, eu falei:

“A mulher de ontem é sua namorada?”

“Esposa.”

“Vocês roubam juntos?”

Ele deu uma nova risada antes de responder:

“Não, não tínhamos pensado nisso, não. Eu fui pegar ela no ponto do ônibus noturno. Ela trabalha de noite até a manhã seguinte, mas não se sentiu bem e voltou pra casa. A gente voltava quando te viu e eu tive a ideia de te roubar”.

Mantive-me na defensiva. Era tudo muito inusitado... Ele perguntou:

“Você mora por aqui? Nunca te vi.”

“Não moro, não. Sou de outro bairro; só minha família que é daqui. Eu vim de noite por causa da morte do meu pai.”

Conversamos mais um pouco. Ele contou parte de sua história de vida. Falou que trabalhava, mas foi afastado por problemas de saúde, nunca mais conseguiu emprego com carteira assinada e estava tentando uma aposentadoria por invalidez por problemas neurológicos. E pra pagar as contas, vivia de bicos de eletricidade, parte hidráulica, pequenos reparos, essas coisas. Aí, vieram os roubos. Por insistência da mulher, ele parou.

Mas os pequenos reparos não estavam sendo o bastante; era pouco pro sustento e a mulher trabalhando fora toda noite acabou deixando ele muito transtornado. Então, voltou a roubar pessoas, bater carteiras, pequenos furtos em mercados. Foi assim até um dia a mulher descobrir a recaída e brigaram feio. Parou novamente os crimes, voltou depois, parou de novo e isso foi até nos encontrarmos naquele orelhão.

“Bom, acho que vou nessa. Meus pêsames de novo.”

Agradei. Ele se levantou e disse:

“Vou pagar essa cerveja.”

Fiquei atônito. Recusei:

“Não, não precisa.”

“Faço questão”, ele reafirmou.

“Não se preocupe...”, respondi querendo dar um fim naquela situação insólita.

“Bem, se prefere assim...”

Ele me cumprimentou, disse que ia ao banheiro e, depois, embora. Antes, porém, fez uma última pergunta:

“Que time você torce?”

Estranhei o questionamento, hesitei, mas respondi:

“Corinthians.”

Ele abriu um sorriso de envergadura de respeito. Disse:

“Nossa, é nós, então, truta! Também torço pro Timão!”, falou quase em gargalhadas. “Dizem que é time de ladrão, de presidiário. Bom, você não é do crime, mas eu sim. Só que nunca fui presidiário... err... quero dizer, ainda não, né?”

Acabei rindo. Ele, enfim, foi ao banheiro. Depois de um tempinho, voltou, apertou minha mão mais uma vez e seguiu caminho. Antes de sumir da minha vista em definitivo, virou-se e acenou de longe. Dei tchau também.

\*\*\*

Torço pro Corinthians desde pequeno. Meu pai, um lusitano, claro, torcia pra Portuguesa. Fiquei pensando no que aquele cara havia dito: “Dizem que é time de ladrão...”. Sim, o Coringão tem essa fama. É o time dos criminosos nas palavras de um monte de gente. É o time dos pobres, dos maloqueiros, das massas populares, dos presidiários, dos excluídos (esse último predicado, por sinal, eu gosto muito).

Brincadeiras e preconceitos à parte, na verdade, o Timão é mesmo a paixão de todos os tipos de gente, não só os das camadas baixas da sociedade e os anulados da discussão nacional. E eu acho que peguei, na minha infância e adolescência uma fase bastante legal do alvinegro, a da chamada “Democracia Corinthiana”, formada por nomes como Sócrates (o meu herói do time), Casagrande, Zenon, Biro-Biro, Vladimir, entre outros.





Nunca se sabe por que uma pessoa se afeiçoa a um time. Às vezes, o pai passa a paixão pro filho. No meu caso, não houve qualquer proselitismo futebolístico. Convenhamos e com todo respeito pela Lusa, mas torcer pra Portuguesa parecia mais um sofrimento pro meu velho do que um prazer. E ele amava o time, mas era implacável, superexigente, desses portugueses ranzinzas que fazem crítica por cima de crítica e um deslizamento mortal de malhações e xingamentos intermináveis a cada fiasco do time. E quando a equipe ganhava, meu pai nem demonstrava alegria (talvez só por dentro). Simplesmente dizia: “Não fizeram mais que a obrigação”.

Tudo isso, qualquer um pode entender, era apavorante a uma criança. Natural, então, eu não me consolidei como torcedor da Lusa. Quando meu velho soube, sabem o que ele disse? “Faz bem, essa Portuguesa só dá tristeza!”

Virei mesmo foi é corintiano, o que sou desde então. Nutria, naquele começo, como nutro ainda, enorme simpatia pelo time. Torço, acompanho as notícias, mas sempre de forma discreta, contida, demonstrando alegria por dentro, como meu pai assim se comportava. E sigo com o Coringão em mim e do meu jeito. Ou seja, sem fanatismo, mas com carinho e respeito pelo time; com alegrias e sofrimentos – o que é natural a todos os torcedores do alvinegro, afinal, nada vem fácil pra gente. E tudo isso, reafirmo, pro dentro e sem arroubos.

Sou tão discreto com futebol que, hoje em dia, há quem pense que eu não torça pra time nenhum. Não é verdade. Sou Corinthians. E nunca me importei com piadas de corintianos, essas tiradas que nos associam à pobreza, criminalidade, falta de educação, brutalidade, grosseria, ignorância, falta de dentes, exclusão. E por falar nela, eu já fui chamado de “escritor dos excluídos”. Então, Corinthians me cai bem.

Uma vez, um colega disse:

“Corintiano é tudo ladrão. Vai lá ao Carandiru e conte quantos corintianos tem lá”, teorizava. E eu: “Você já esteve preso lá e contou?”

Ele não dava atenção e continuava seu fundamentalismo de mesa de boteco:

“O Corinthians é a única coisa que faz um ladrão não roubar. Se tiver jogo, ninguém sai pro crime; as estatísticas de latrocínio até baixam. Em dia de indulto, pelo contrário, a criminalidade cresce...”

Dei uma risada amarga, achei patético, mas não resisti a fazer sociologia. Aquele cara era um prato feito pra isso, um problema ambulante e humanoide à espera do método científico certo pra ser resolvido (e depois esquecido, lógico). Topei o desafio dizendo:

“Olha, cara, o que você enxerga como defeito, eu encaro como algo bom, positivo.”

Ele estranhou. Nem bem parou de franzir a testa, eu o atropeliei:

“Se as pessoas no Carandiru não prestarem, se estão presas lá por terem cometido crimes, eu fico feliz em saber que os caras, mesmo corroídos pelo ódio de classe, ainda conseguem amar uma instituição, talvez a única. E ela é o Corinthians. Isso prova o poder que o Timão tem de fazer até desajustados sociais amarem o time. Você não deveria ser tão desesperançado com os outros...”

Ele ficou perplexo. Deixemos o sujeito pra lá e voltemos ao Coringão.

\*\*\*

Ah, Corinthians, time dos sofredores. Uma vez, fui submetido a uma pequena cirurgia pra retirada de um cisto sebáceo que apareceu bem no meu rosto. Levei uma pequena anestesia local que não pegou. A região estava tão inflamada que o médico tascou uma nova picada. E nada. O doutor disse:

“Tá um pouco anestesiado, mas não cem por cento. Vai doer um pouquinho. Você é corintiano?”

“Sou...”

“Ré, ré... Então, você tá acostumado a sofrer... Tira de letra isso...”





Numa ocasião, fui assaltado por três ladrões que vieram pelas minhas costas, me derrubaram, limparam os meus bolsos e levaram uma mochila que eu carregava nas costas. Perdi tudo, das chaves ao celular, da carteira com pouco dinheiro, mas com o cartão do banco, até um gibi do Batman, que estava na mochila e que eu pretendia ler no metrô. Nem bilhete único se salvou. Fui zerado em segundos da ação criminosa.

Tive de voltar a pé do local do roubo até a banca de jornais do Marcelo, que fica em frente ao prédio onde eu morava na época. Contei a ele a história e pedi emprestados uns vinte reais pra poder garantir a locomoção. Marcelo me atendeu e ainda ligou pra polícia pra alertar o que havia ocorrido. O PM que falou com o meu amigo tomou os dados do meu endereço e disse que ia enviar uma viatura pra me pegar e levar à delegacia pra fazer o B.O.

Agradei a ajuda, me despedi do Marcelo e fiquei de pé em frente ao meu prédio. Era um domingo de manhã, tudo mais calmo no trânsito, então, a viatura chegou rápido. Nela, vieram dois policiais que fizeram algumas perguntas anotando tudo. Um deles falou:

“A gente sai agora com você, damos umas voltas pelo bairro pra ver se reconhece os ladrões se eles ainda estiverem pela região. Se acharmos, a gente prende os caras e talvez até recupere o que levaram.”

Achei a ideia razoável e, claro, topei. Quando consenti, ele pediu:

“Pode entrar na viatura, só que não leva a mal, mas vai no banco de trás, o de levar preso”.

“Tudo bem, sem problemas”, eu topei.

Então, nesse ponto da conversa, ele deu um sorriso e decretou:

“Beleza, pode entrar, então, na limusine de corintiano...”, disse com sarcasmo apontando pra viatura.

Arregalei os olhos.

“Co... como é?”

E ele:

“Isso, a gente já transportou muito corintiano aí na nossa limusine de corintiano. Leva a mal, não...”

“Mas... eu... eu sou corintiano...”

Os dois policiais se abriram em risadas. O que falava comigo disse:

“Então, você tá acostumado...”

Atônito, meio desconcertado, entrei na viatura. Como eles anteciparam, circulamos pelas imediações. Não encontramos nenhum dos ladrões. Quando passávamos pelas pessoas nas ruas, todos olhavam de forma constrangedora pra mim. Acho que pensavam que eu era um criminoso. Não era. Era e sou apenas um torcedor do Timão. Pra alguns, as duas coisas são uma só. E pra aqueles PMs, o veículo em que eu desfilava era o mais apropriado a alguém como eu: um corintiano.

\*\*\*

Depois que aquele ladrão foi embora do bar, eu terminei a minha cerveja, pedi outra e depois de bebê-la, fui encerrar a conta no caixa, que me entregou um papel com a anotação de apenas uma garrafa. Eu tentei corrigir:

“Moça, tá errado, foram duas”, disse mostrando que só estavam cobrando uma. E ela:

“Tá certo, sim, moço. É que o seu amigo, quando foi embora, deixou uma paga.”

“Amigo?”

“Sim, aquele rapaz que tava conversando com você.”

“Ah..., mas ele não era meu...”, repliquei tentando fazê-la entender o inexplicável, mas parei pelo caminho.

“Bom, deixa pra lá...”, disse a ela pra encerrar a conversa.

**Tudo escurece.**

**Dog.**

